

DOSSIÊ:

FREUD E A EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Sigmund Freud nasceu em 1856, portanto, há mais de um século e meio. Como um pensador original, suas ideias ultrapassaram o seu tempo. O pensamento freudiano questionou o que na época era oferecido como tratamento ao sofrimento psíquico, inovando ao utilizar-se da palavra para acessar o que aqueles que sofriam não conseguiam: as palavras por dizer. Estas palavras retidas num lugar psíquico que denominou inconsciente somente em algumas condições se manifestavam: nos sonhos, nos sintomas, nos atos falhos, nos chistes e na associação livre. Freud, assim, feriu o que foi considerado como mais um aspecto do narcisismo da humanidade ao defender que nosso modo de ser, pensar e agir não estava unicamente relacionado a nossa razão e consciência, mas à ação da instância psíquica que denominou inconsciente.

Para acessar essas marcas/representações inconscientes foi preciso que uma técnica se presentificasse envolvendo dois aspectos: um modo de falar livremente, sem críticas, nem julgamentos daquele que sofria; uma escuta flutuante, sem visar um foco único e direto daquele que escutava. No encontro dessa fala com essa escuta se instituiu um novo modo de relação e de tratamento ao sofrimento psíquico.

O pensamento freudiano constituiu um marco referencial na compreensão da constituição e funcionamento psíquico. A partir da transmissão para um pequeno grupo de interessados com quem Freud se reuniu semanalmente, lá no fim do século XIX, a força do seu legado, a psicanálise, adentrou a cultura do século XX e XXI e se mantém viva. Algumas expressões desse legado hoje circulam fazendo parte da cultura e, na fala contemporânea, é comum escutarmos referências as suas ideias.

Aos psicanalistas cabem o zelo, o cuidado e a prática desse modo singular, ético de tratamento das dores da alma, como Freud se referia ao psiquismo. Mas não só um modo de tratamento se instituiu. A psicanálise também tem um corpo teórico

constituído a partir da prática clínica freudiana. Esta teorização vem se complexizando pelo trabalho daqueles que se dedicam a um pensar crítico e atento que possibilita a ampliação da teoria relacionada a uma prática que não seja dogmática. Tem-se, então, o que é chamado de Escolas em Psicanálise, em que se destacam principalmente os pensamentos de Melanie Klein, Donald Winnicott, Wilfred Bion e Jacques Lacan. Também deve-se destacar que a psicanálise é um procedimento de investigação dos processos mentais.

Essa edição especial faz uma homenagem a Freud e, para tal, convidou psicanalistas a compartilhar suas ideias relacionando Freud e a Educação. O pensar freudiano, porém, não foi direcionado e nem teve como foco a educação. De um modo mais amplo, o caminho pelo qual utilizou para expressar suas ideias se deu através das relações entre o indivíduo e o que é denominado por ele de civilização.

Se na sua época já circulava o questionamento das características da vida moderna e suas consequências, as ditas doenças nervosas, sua argumentação trouxe uma inovação. É à moral sexual civilizada que Freud tece suas críticas, bem como à relação desta com atitudes ditas educadoras e moralistas diante da sexualidade. Estes aspectos são relacionados por ele ao adoecer psíquico.

Desse modo inicia-se essa edição especial com o artigo de Luísa Puricelli Pires e Rose Gurski, *Uma leitura particular das conexões de Freud com a educação*, no qual as autoras apresentam, através de fragmentos de textos freudianos, algumas relações entre a Psicanálise e a Educação. Indicam como se guiaram por esse percorrido investigativo no desejo de Freud em enlaçar os efeitos da Psicanálise às questões culturais de seu tempo. Se Freud iniciou um diálogo com a Educação este encontra-se, ainda hoje, aberto para novos sentidos gerados através das atuais experiências entre os dois campos.

Logo a seguir Maria Judtih Sucupira da Costa Lins em seu texto, *Freud e a educação como formação integral do sujeito*, apresenta algumas ideias entre a Psicanálise e a Educação. Para a autora pensar o inconsciente como poder radical não é possível para a Educação. Desse modo aos professores não cabe negar a existência do inconsciente, mas entender que a liberdade e a racionalidade são os principais traços dos seres humanos. Enfatiza que necessitamos afirmar o papel de ambos e estudar o inconsciente e, assim, impulsionar a atividade educacional.

Na sequência Júlia Anacleto apresenta *Considerações psicanalíticas sobre o lugar do sujeito na estruturação do conhecimento* ao abordar acerca dos determinantes da construção do conhecimento. A autora parte da retomada do construtivismo piagetiano pelo viés

estruturalista como forma de superar a polêmica entre inatismo e empirismo. Adentra esse debate ao recorrer a uma concepção de estrutura que incorpore a noção de sujeito do inconsciente e assim questionar o paradigma desenvolvimentista.

Após o artigo de Christiano Mendes de Lima, *Freud: uma ética para a educação*, utiliza teorizações advindas da obra de Jacques Lacan, em seus recortes de textos freudianos, levando em consideração o estofado do ato educativo. Para tal apresenta o que poderia ser considerada a ilusão freudiana de que a psicanálise quando aplicada na educação de crianças promoveria uma ação psicoprofilática, bem como a queda dessa ilusão. Ele depreende das ideias freudianas os pilares éticos para a sustentação do ato educativo.

Essa capacidade de rever, questionar e retomar o pensar, tão característico de Freud, o fez revisitar muitas de suas ideias ao longo de sua obra. Em relação à educação, num momento mais tardio de seus escritos, essa capacidade o levou a expressar que governar, educar e psicanalisar seriam profissões impossíveis devido à insuficiência de seus resultados.

Essa ideia é revisitada no artigo de autoria de Augusta Gerchmann, *A sutil diferença entre criar e educar – sobre a concepção freudiana da educação*. Relacionando as manifestações pulsionais que ocorrem desde cedo na criança, bem como as da sexualidade, a autora apresenta como desde as relações iniciais entre a criança e seus pais esses aspectos podem deixar seu estado caótico através da educação e da relação estabelecida com aqueles que se ocupam do seu cuidar e também do educar.

O texto de Sueli Santos *Psicanálise, algumas contribuições para a educação* questiona sobre o educar. A autora faz uma diferenciação entre a ação de educar, relacionada a padrões de comportamentos que possam vir a corresponder a um conjunto de expectativas ou modelo aceitável para convivência, com o educar. Ao educar relaciona o criar condições para despertar o desejo de saber. Destaca também a linguagem e a produção de sentidos que viabilizam a capacidade de simbolização e de conhecimento.

O texto *Considerações sobre os dois princípios do desenvolvimento psíquico em S. Freud*, de Cintia Martins Dias, coloca em discussão as relações entre sonho e fantasia, representação e racionalidade, demarcando as diferenças e identidades que permeiam as tensões do homem. No artigo *Freud, o infantil e a educação*, Cristiana Carneiro situa a noção de infantil no centro da abordagem freudiana, como elemento decisivo para se pensar as relações que perpassam a constituição do sujeito, o problema do conhecimento e a questão da sexualidade.

Fechando essa apresentação temos um texto que brinda aos leitores, tanto por sua temática como por suas ressonâncias, de autoria de Maria Cristina Machado Kupfer, Leda Mariza Fischer Bernardino e Ana Gabriela Gonzalez Yamashita, “*A educação terapêutica no trabalho com pais de bebês e crianças pequenas na educação infantil em tempos de autismo*”. Através da utilização dos indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil (IRDI) professoras de creches realizaram intervenções baseadas nos indicadores do protocolo e geraram mudanças nos bebês. Porém em alguns bebês os indicadores não se alteraram. Nesses casos essa pesquisa propôs abordar os pais desses bebês no campo educativo. Desse modo o artigo apresenta uma pesquisa que investigou a eficácia do acompanhamento de pais e bebês em risco de evolução autística que, para tal, utilizou a metodologia da Educação Terapêutica. Essa pesquisa mostrou que os bebês apresentaram modificações nos eixos propostos, bem como modificações da posição educativa dos pais ressoaram em progressos significativos no laço pais-bebê,

Os autores e seus textos nessa edição nos instigam a prosseguir pensando a relação da psicanálise com a educação. Desejamos boa leitura!

Juçara Clemens